

## A REALIZAÇÃO DA NOÇÃO DE EXISTÊNCIA NO “MINEIRÊS”: UM ESTUDO DA VARIAÇÃO DOS VERBOS *TER*, *HVER* E *EXISTIR*<sup>1</sup>

---

PATRÍCIA RAFAELA OTONI RIBEIRO\*

MARIANA SCHUCHTER SOARES\*\*

PATRÍCIA FABIANE AMARAL DA CUNHA LACERDA\*\*\*

---

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir questões pertinentes à realização de existência no dialeto mineiro, utilizando-se como aporte teórico a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001). A partir do levantamento de dados empíricos e da utilização de uma abordagem metodológica mista (quantitativa e qualitativa), buscaremos verificar e discutir aspectos relacionados aos processos de variação e mudança. Para isso, pretendemos: a) avaliar quantitativamente o uso das variantes em competição: *ter*, *haver* e *existir*; b) discutir os fatores internos e externos, bem como outros aspectos que influenciam tais usos; e c) verificar qual é a variante vernacular para a realização de existência no dialeto mineiro. Assim, ao longo deste texto, esperamos evidenciar que, a partir de um estudo detalhado das variantes de uma língua, torna-se possível um reconhecimento e uma sistematização dos processos de variação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística Variacionista, dialeto mineiro, verbos existenciais.

---

### INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objeto o estudo da variação entre os verbos *ter*, *haver* e *existir* na marcação da existência no dialeto mineiro. Para isso, buscamos, com base na Sociolinguística Variacionista, analisar os dados do “Projeto Mineirês”, coordenado pela Profa. Jânia Ramos

---

\* Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: patyotoni.letas@gmail.com

\*\* Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: marischuchter@yahoo.com.br

\*\*\* Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: patriciaacunhajf@ig.com.br

na Universidade Federal de Minas Gerais, utilizando uma metodologia de análise mista, ou seja, conjugando a análise quantitativa, através do uso do programa *Varbrul*, e a qualitativa, num viés interpretativo.

A motivação para esta pesquisa sociovariacionista decorre da percepção das variações em torno das ocorrências dos verbos *ter*, *haver* e *existir* na acepção de existência. Nesse sentido, o objetivo é investigar quais são os fatores condicionadores dessa variação e se as seguintes hipóteses são ou não confirmadas pelos dados: i) há maior ocorrência do verbo *ter*, sendo que o verbo *haver* aumentará na mesma proporção do grau de escolaridade do falante, ocupando o espaço antes destinado ao verbo *existir*; ii) há uma escala semântica entre os verbos de existência, na qual *existir* é condição para *haver* e *ter*; iii) apesar de não haver concordância de número em *ter* e *haver*, como verbos impessoais, os falantes mais escolarizados tendem a regularizar o paradigma do verbo *existir*, efetuando a concordância verbal.

A fim de promover essas discussões, este texto será dividido da seguinte forma: primeiramente, trataremos do principal escopo teórico deste trabalho, apresentando conceitos que integram a Sociolinguística Variacionista, a qual tem como pressuposto primário a noção de heterogeneidade linguística. Depois, elucidaremos questões acerca dos métodos de análise deste trabalho, o que inclui a utilização do *corpus* do “Projeto Mineirês” e o método de análise misto. Posteriormente, trataremos de aspectos relacionados à história das variantes analisadas neste trabalho, recorrendo à sua etimologia com o intuito de entender um pouco mais sobre a realização de existência no dialeto mineiro. Logo após, realizaremos a análise quantitativa dos dados referentes aos verbos *ter*, *haver* e *existir*, a fim de que possamos verificar a regularidade da língua em relação aos usos dessas variantes e, ainda, efetuaremos a análise qualitativa dos dados.

## 1. A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E A HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA

A Sociolinguística Variacionista, formalmente instituída com a publicação da obra *Empirical foundations for a theory of language change*, de Weinreich, Labov e Herzog (1968), tem como escopo a sistematização da intrínseca relação entre língua e sociedade. Sobretudo a partir dos trabalhos de Labov (1972, 1982, 1994, 2001), a língua passou

a ser concebida como socialmente determinada e sujeita às variações e mudanças relacionadas às transformações dos padrões socio-histórico-culturais de uma dada comunidade linguística. Assim, pode-se dizer que a heterogeneidade linguística reflete a heterogeneidade social.

Considerando-se os conceitos de variação e de mudança, é preciso ressaltar que um não apresenta o mesmo contorno que o outro. As mudanças, por exemplo, ocorrem de forma lenta e gradual, mas a competição (ou coexistência) de duas formas alternativas pode persistir por muitos anos em uma dada língua e não originar uma mudança linguística. Isso quer dizer que nem toda variação impele uma mudança, mas toda mudança implica a ocorrência de uma variação.

É importante considerar, ainda, que a natureza da variação e da mudança é sistemática, isto é, que tais fenômenos não se dão de maneira aleatória, uma vez que os interlocutores precisam compreender-se mutuamente para que uma interação seja possível. Além disso, a mudança sobrevém de um processo sócio-histórico, sempre motivado por variações que se dão de forma sincrônica<sup>2</sup> e que, em determinados momentos, coexistem e entram em concorrência, a fim de que o uso de uma variante sobrepuje o uso da outra (LABOV, 1982, p. 20).

Assim, pode-se dizer que os processos de variação e mudança linguística indicam que as línguas se encontram em constante fluxo de transformação e, por isso, não se apresentam como realidades estáticas e homogêneas. No entanto, os falantes, em geral, não conseguem perceber tal dinamicidade, visto que toda mudança se revela como um processo lento e gradual, que nunca atinge a língua em sua totalidade.

No que se refere aos processos de variação linguística, de acordo com Coseriu (1980), estes podem ser considerados sob quatro diferentes perspectivas: (i) variação diacrônica: caracteriza um processo de mudança no decurso do tempo; (ii) variação diatópica: processo de variação relacionado ao espaço geográfico; (iii) variação diastrática: compreende fatores como classe social, escolaridade, sexo, idade etc.; e (iv) variação diafásica: aquela que trata do grau de formalidade de acordo com as distintas situações comunicativas em que a língua é utilizada.

O fenômeno da variação linguística pode, ainda, ser entendido como um fator de identidade. Isso porque a língua está diretamente relacionada ao contexto em que se insere e, dessa forma, a variação é um fenômeno eminentemente social. Assim, através do uso das diferentes

variantes linguísticas, é possível reconhecer as características de um falante e/ou de uma determinada comunidade de fala.

Um exemplo desse aspecto está presente no estudo realizado por Labov (1972), no ano de 1963, na ilha de Martha's Vineyard, nos Estados Unidos, a partir do qual se evidenciou o quanto a língua é capaz de apontar a identidade de seus falantes. Essa região, ocupada essencialmente por pescadores e agricultores, ao longo do tempo, passou a ser tomada por turistas na época do verão. A comunidade local, reagindo negativamente àquele novo contingente de pessoas, passou a acentuar sua fala característica, centralizando os ditongos da língua inglesa (ay) e (aw), a fim de que fossem capazes de se distinguir dos demais falantes.

Diante de tal exemplo, pode-se dizer que, em determinada situação de uso e de acordo com sua intenção comunicativa, o falante seleciona uma dentre as variantes concorrentes. Isso porque, a partir das transformações em uma dada língua, oferece-se ao falante uma “larga gama de possibilidades de autoidentificação na interação com os demais e na negociação das diferenças sociais” (LABOV, 1982, p. 81).

Assim, muitas pesquisas, baseadas no escopo teórico da Sociolinguística Variacionista, têm surgido com o intuito de estudar as variáveis utilizadas pelos falantes em diversas situações comunicativas.

## 2. MÉTODOS DE ANÁLISE

O uso da língua portuguesa por seus falantes está sujeito a uma série de variações, suscitadas pela heterogeneidade linguística, produto da heterogeneidade social. Como afirma Naro (2008), uma língua dispõe de duas ou mais formas variantes, as quais podem coexistir e ser usadas pelos falantes, sem que grandes alterações no conteúdo da mensagem sejam desencadeadas. Isso quer dizer que as variantes de uma língua podem estar em competição, de modo que ora ocorre uma, ora pode ocorrer a outra. Por meio de um estudo detalhado das variantes de uma língua, é possível reconhecer e sistematizar os processos de variação e mudança linguísticas, a partir do momento em que uma variante começa a sobrepujar a(s) outra(s).

Para a realização de uma análise pautada na Sociolinguística Variacionista, é importante definir, primeiramente, quais são as variantes a serem pesquisadas. Dessa forma, entende-se por variável dependente

o fenômeno estritamente linguístico a ser analisado, e por variáveis independentes os fatores condicionadores da variação, podendo ser esses internos (linguísticos) ou externos (extralinguísticos).

Neste artigo, trataremos da marcação de existência no dialeto mineiro como variável dependente, através de análise das seguintes variantes: verbos *ter*, *haver* e *existir*. Esses três verbos podem ser considerados formas alternativas de se dizer a mesma coisa, no mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade<sup>3</sup> (LABOV, 1972).

Já em relação às variáveis independentes, consideramos como fatores condicionadores externos os mesmos apresentados pelo *corpus* do “Projeto Mineirês”, que são sexo, idade, escolaridade e cidade do falante; quanto aos fatores condicionadores internos, estes foram selecionados por nós a partir de uma análise prévia dos dados, estabelecendo-se da seguinte forma: marcação ou não marcação de concordância; presença ou ausência de advérbio de negação; presença ou ausência de marcador temporal; presença ou ausência de modalizador; caracterização do tempo verbal; animacidade do complemento verbal ([+ humano] ou [- humano]); e especificidade do complemento verbal ([+genérico] ou [-genérico]).

É relevante considerar que este estudo se baseia na análise dos dados disponíveis no *corpus* do “Projeto Mineirês”, o qual contém 93 entrevistas<sup>4</sup> controladas sociolinguisticamente, referentes a seis cidades mineiras: Arceburgo, Belo Horizonte, Mariana, Ouro Preto, Piranga e São João da Ponte.

Como este trabalho se fundamenta nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, considera-se que a variação não se dá de forma aleatória, mas sim que os fenômenos linguísticos variáveis apresentam regularidades a serem descritas e explicadas por restrições de ordem intralinguística e extralinguística. Nesse sentido, segundo Cunha Lacerda (2007, p. 68), cabe ao pesquisador variacionista a identificação dos fenômenos linguísticos variáveis de uma língua, o levantamento de suas variantes, a definição das variáveis independentes ou grupos de fatores condicionadores e, por fim, a submissão dos dados codificados ao tratamento estatístico adequado, a fim de correlacionar sistematicamente a frequência de uso de cada uma das variantes linguísticas aos fatores linguísticos e não linguísticos que as regulam. Isso quer dizer que é bastante relevante que o pesquisador realize a análise quantitativa

dos dados, para que se possa verificar a regularidade das variações, bem como possíveis processos de mudança linguística.

No entanto, Denzin e Lincoln (1994, p. 11) defendem a análise qualitativa dos dados empíricos, a qual pode ser entendida como um tipo de abordagem que parte das reflexões de um pesquisador multiculturalmente situado, que tem por objetivo refletir sobre o mundo (em nosso caso, sobre a língua socialmente situada e suas variações), utilizando-se de um conjunto de ideias e preceitos (teorias, ontologias), com o intuito de explicar uma série de questões, as quais serão, posteriormente, analisadas de forma bastante específica (metodologia, análise). Assim, os pesquisadores que se dedicam à análise qualitativa dispõem de um vasto conjunto de métodos interpretativos interconectados e, por isso, devem sempre procurar os melhores caminhos para uma melhor reflexão sobre o mundo de experiência estudado.

A partir de tais considerações, decidimos utilizar, neste trabalho, o método misto de análise, conjugando-se a perspectiva quantitativa – verificando-se a frequência das ocorrências dos verbos em questão, com o auxílio do programa estatístico *Varbrul* (versão GoldVarb 2001) –, e a qualitativa, a partir de um viés interpretativo, analisando as ocorrências e suas relações intra e/ou extralinguísticas e buscando explicações para a variação.

### 3. Um pouco de história sobre os verbos *ter*, *haver* e *existir*

A língua portuguesa possui origem no latim, o qual é considerado, por muitos autores, a “língua-mãe” do português. Isso porque a maior parte dos elementos presentes na língua portuguesa é fruto de evoluções latinas. Dessa forma, recorrer à etimologia dos verbos *ter*, *haver* e *existir* é de fundamental importância para tentar entender as possíveis razões de hoje, no século XXI, se manifestarem como variantes na realização de existência no português do Brasil.

No latim, os verbos *habere* e *tenere* não eram utilizados com sentido de existência. Tal fenômeno ficava a cargo do verbo *existire*, conforme pode ser constatado nos verbetes do dicionário latino-português de Ernesto Faria (1962), no Quadro 1:

#### Quadro 1. Os sentidos atribuídos aos verbos *ter*, *haver* e *existir* no latim

**Exsisto, is, ere, stiti, stitum** v. *intransitivo*. 1) Elevar-se para fora de, elevar-se acima de, sair da terra, surgir, nascer, provir de. Daí: 2) Existir, aparecer, manifestar-se, mostrar-se.

**Habeo, es, ere, habui, habitum** v. *transitivo e intransitivo*. Sentido próprio: 1) Manter, manter-se; Daí: 2) Possuir, ocupar, tomar posse de, guardar. Donde 3) Ter, haver (sent. próprio e figurado). Sentido figurado: 4) Tratar. 5) Ter como, considerar como, julgar, avaliar. 6) Conhecer, saber. 7) Passar (o tempo).

**Teneo, es, ere, tenui, tentum** v. *transitivo e intransitivo*. Sentido próprio: A) Tr: 1) Segurar, ter. Daí: 2) Possuir, ocupar, ser senhor de, ganhar, obter, conseguir. 3) Estar imóvel, manter, parar, reter, conter, fazer parar. 4) Guardar, conservar, observar. Donde: 5) Deter no espírito, lembrar-se. Sentido figurado: 6) Compreender, saber, perceber. 7) Cativar, encantar, seduzir. 8) Abrigar, sujeitar, prender. B) intr: Na língua militar: 9) Manter-se uma posição. Daí: 10) Dirigir, chegar. Na língua náutica: 11) Manter-se numa direção, singrar para. 12) Durar, subsistir, persistir.

Até chegarem aos usos que se encontram no português atual (cf. FERREIRA, 2004), os verbos sofreram algumas mudanças que perpassam a fonética, a morfologia, a sintaxe e a semântica.

Dentre tais mudanças (que se deram de forma diacrônica), destaca-se o fato de os verbos *ter* e *haver* indicarem o sentido de existência. No entanto, embora seja importante investigar quais foram as motivações para essa mudança, nos limitamos à evidência de Mattos e Silva (2002), por constatar que, no português, mesmo que a marcação da existência fosse realizada pelos verbos *existir* e *ser*, já no século XVI, *haver* era o verbo existencial mais utilizado, e o verbo *ter* surgia timidamente nas estruturas existenciais. Hoje, no século XXI, o dicionário *Aurélio da Língua Portuguesa* já tem institucionalizado o sentido de *existir* nos verbetes de *ter* e *haver*, dentre os vários outros significados desses verbos.

Diante disso, a problemática principal é: se há três verbos para marcar o mesmo fenômeno, o que motivaria a escolha do falante? As análises que serão feitas nas próximas seções buscam caminhos para responder a essa questão.

#### 4. ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS

No *corpus* analisado, encontramos 1427 ocorrências com aceção de existência, dentre as quais 59 (4,1%) são do verbo *existir*;

37(2,6%) do *haver* e 1331 (93,3%) do verbo *ter*. A preponderância do verbo *ter* em relação aos demais verbos é bastante relevante e será discutida adiante. Agora, cumpre explicitarmos e discutirmos os resultados encontrados para cada um dos fatores condicionadores.<sup>5</sup>

#### 4.1 Fatores externos

Os fatores externos considerados foram sexo, idade, escolaridade e cidade do falante. Apresentaremos as tabelas com as ocorrências e o percentual de cada fator, relacionando-as às variantes *haver*, *existir* e *ter*. Já em relação ao fator condicionador *sexo*, temos as seguintes ocorrências:

Tabela 1. Frequência relativa ao fator *sexo*

SEXO	HAVER		EXISTIR		TER	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<b>f- FEMININO</b>	23	2,6%	27	3,0%	843	94,4%
<b>m- MASCULINO</b>	14	2,6%	32	6,0%	488	91,4%
TOTAL	37		59		1.331	

Como se evidencia na tabela acima, há preferência pelo verbo *ter* em ambos os sexos. Já em relação às variantes *existir* e *haver*, não há uma variação relevante no sexo feminino; já no masculino, observa-se uma pequena preferência pelo verbo *existir* em relação a *haver*, apesar de o verbo *ter* ainda ser sobrepujante. Essa constatação revela que não é o fator *sexo* que determina a escolha dessas variantes relativas à marcação de existência.

No que se refere ao fator idade, tem-se a seguinte frequência:

Tabela 2. Frequência relativa ao fator *idade*

IDADE	HAVER		EXISTIR		TER	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<b>1- 0-15</b>	2	0,4%	9	2,0%	420	97,6%
<b>2- 15-30</b>	18	3,6%	31	6,2%	450	90,2%
<b>3- 30-45</b>	0	0%	10	8,5%	108	91,5%
<b>4- 45-100</b>	17	4,5%	9	2,4%	353	93,1%
TOTAL	37		59		1.331	



Conforme demonstrado acima, a maior ocorrência do verbo *haver* se deu no grupo (4), isto é, formado por falantes com faixa etária acima de quarenta e cinco anos. Além disso, houve um aumento significativo no grupo (2), o que permite pensar que *haver*, por ser considerado mais formal, tende a ser aprendido na escola. No entanto, no grupo (3), é curiosa a ausência do verbo *haver*. Já em relação ao uso do verbo *ter*, a preferência é muito evidente no grupo (1). O próximo fator, *escolaridade*, poderá auxiliar na interpretação desses dados.

Tabela 3. Frequência relativa ao fator *escolaridade*

ESCOLARIDADE	HAVER		EXISTIR		TER	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
a- 0	0	0%	3	4,3%	67	95,7%
b- 1º grau incompleto	17	5,3%	18	5,6%	288	89,1%
c- 1º grau	0	0%	0	0%	298	100%
d- 2º grau incompleto	1	0,4%	7	2,8%	239	96,8%
e- 2º grau	6	3,9%	6	3,9%	141	92,2%
f-3º grau incompleto	6	5,0%	9	7,6%	103	87,4%
g- 3º grau	7	3,2%	16	7,3%	195	89,5%
TOTAL	37		59		1.331	

O fator *escolaridade*, conforme a hipótese de pesquisa, mostra-se relevante para a escolha dos verbos. O grupo de falantes sem escolarização não utiliza *haver*, evidenciando que esse verbo não é uma variante vernacular para a marcação da existência, tendo em vista que é dependente do processo de escolarização. Ao longo da vida escolar, *haver* começa a ocorrer. Porém, talvez pela sua dificuldade no que se refere às regras que normatizam o seu uso (como a concordância), há uma preferência pela simplicidade de *existir*, que segue as regularidades dos verbos em geral.

Em todos os níveis de escolarização, há maior opção pelo verbo *ter*. Nesse sentido, é preciso considerar que os dados provêm da oralidade e, nessa modalidade, o vernáculo tende a preponderar. Por isso, há a evidência de que a variante vernacular para a marcação da existência no dialeto mineiro é o verbo *ter*.

Cruzando as variáveis independentes *escolaridade* e *idade*, conseguimos obter um panorama mais elucidativo sobre a variação. Os resultados estão na Tabela 4:

Tabela 4. Cruzamento *escolaridade/idade*

ESCOLARIDADE	IDADE	HAVER		EXISTIR		TER	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
0	0-15	0	0%	1	2,8%	37	97,3%
	15-30	0	0%	2	6,3%	30	93,7%
	30-45	0	0%	0	0%	0	0%
	45-100	0	0%	0	0%	0	0%
1º grau incompleto	0-15	2	0,8%	8	3%	254	96,2%
	15-30	0	0%	0	0%	0	0%
	30-45	0	0%	6	22,2%	21	77,8%
	45-100	15	46,8%	4	12,5%	13	40,7%
1º grau	0-15	0	0%	0	0%	29	100%
	15-30	0	0%	0	0%	22	100%
	30-45	0	0%	0	0%	57	100%
	45-100	0	0%	0	0%	190	100%
2º grau incompleto	0-15	0	0%	0	0%	100	100%
	15-30	1	0,5%	7	4,5%	139	95%
	30-45	0	0%	0	0%	30	100%
	45-100	0	0%	0	0%	0	0%
2º grau	0-15	0	0%	0	0%	0	0%
	15-30	6	5,6%	1	1%	100	93,4%
	30-45	0	0%	4	11,8%	30	88,2%
	45-100	0	0%	1	8,3%	11	91,7%
3º grau incompleto	0-15	0	0%	0	0%	0	0%
	15-30	6	5,2%	8	6,8%	103	88%
	30-45	0	0%	0	0%	0	0%
	45-100	0	0%	1	100%	0	0%
3º grau	0-15	0	0%	0	0%	0	0%
	15-30	5	6,7%	13	17,6%	56	75,7%
	30-45	0	0%	0	0%	0	0%
	45-100	2	1,5%	3	2%	139	96,5%
TOTAL		37		59		1.331	

Por meio dos dados acima, evidenciamos que os falantes com nenhuma escolaridade utilizam quase que exclusivamente o verbo *ter* em todas as faixas etárias. O verbo *existir* aparece apenas nas duas primeiras faixas etárias (0 a 30 anos); e o verbo *haver* não ocorre – o que, mais uma vez, nos mostra que essa variante é aprendida na escola.

Com os informantes de 1º grau incompleto, há o predomínio do verbo *ter* em todas as faixas (exceto na faixa 3, em que não há ocorrência de nenhuma variante). O que nos chama a atenção, nesse cruzamento, é o fato de a faixa (4) apresentar 46,8% de ocorrências do verbo *haver*. Esse resultado parece sinalizar que os falantes mais velhos assimilaram a forma aprendida na escola e, mesmo fora dela, continuam a utilizá-la em virtude do prestígio que ela carrega. Apesar disso, o percentual de ocorrências com o verbo *ter* continua alto nessa faixa (40,7%) e o verbo *existir* é pouco recorrente.

Entre os falantes com 1º grau concluído, todas as faixas utilizam, exclusivamente, o verbo *ter*. Na mesma direção, estão os falantes com 2º grau incompleto, em que a variante *ter* disputa com as variantes *haver* e *existir* apenas na segunda faixa etária (15-30 anos), pelo fato de os falantes estarem mais próximos, temporariamente, da influência da escolarização.

Com os falantes que apresentam 2º grau completo, a situação é bem próxima também. A diferença está nas ocorrências de *existir* se apresentarem nas faixas etárias (2), (3) e (4), ou seja, de 15 a 100 anos. Ainda assim, a variante *ter* é mais produtiva.

Já no nível do 3º grau, observamos uma semelhança entre os falantes da faixa etária (2), de 15 a 30 anos, independente de ser completo ou incompleto. Nessa faixa, embora as ocorrências com o verbo *ter* sejam mais frequentes, as variantes *haver* e *existir* aparecem de modo relevante, o que revela uma influência da escolarização e maior flexibilidade vocabular entre esses falantes.

Portanto, através do cruzamento *escolaridade* e *idade*, evidenciamos que a faixa (2) é a mais variável, e isso se justifica pela maior proximidade temporal em relação à influência da escolarização. Os não escolarizados e os mais jovens (0 a 15 anos) apontam para o fato de o verbo *ter* ser a variante vernacular de marcação da noção de existência no “mineirês”.

No que tange ao fator externo *cidade*, temos os seguintes resultados:

Tabela 5. Frequência relativa ao fator *cidade*

CIDADE	HAVER		EXISTIR		TER	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<b>A-</b> Arceburgo	23	5,1%	22	4,9%	398	90,0%
<b>B-</b> Belo Horizonte	9	2,8%	18	5,6%	293	91,6%
<b>M-</b> Mariana	1	0,3%	7	2,0%	328	97,7%
<b>O-</b> Ouro Preto	3	4,3%	4	5,8%	62	89,9%
<b>P-</b> Piranga	1	0,8%	8	6,0%	123	93,2%
<b>S-</b> São João da Ponte	0	0%	0	0%	127	100%
TOTAL	37		59		1.331	

Considerando-se o fator externo *cidade*, faz-se necessário explicitar que não há, no *corpus*, uma equidade dos fatores externos já apontados. Em Mariana, por exemplo, só há entrevistas de falantes entre 5 e 11 anos de idade que apresentam apenas a escolaridade 1º grau incompleto. Em Piranga, apesar de as idades se diferenciarem (8-34 anos), todos os falantes possuem o 1º grau incompleto. Já em Ouro Preto, só há 5 entrevistas, as quais foram produzidas por falantes entre 23 e 80 anos, sem ocorrência da escolaridade de nível superior. Em São João da Ponte, além da restrição ao 1º grau, não houve nenhuma ocorrência dos verbos *existir* e *haver*. Assim, apenas Belo Horizonte e Arceburgo possuem uma maior mescla de falantes. Apesar do exposto, percebe-se que há maior opção pelo verbo *ter* em todas as cidades, evidenciando, mais uma vez, a variante vernacular mineira. Há de se considerar, ainda, que os usos de *haver* são mais recorrentes em Arceburgo do que os usos do verbo *existir*, fato que não se observou em nenhuma outra cidade.

#### 4.2 Fatores internos

Os fatores internos utilizados nesta análise foram marcação ou não marcação de concordância; presença ou ausência de advérbio de negação; presença ou ausência de marcador temporal; caracterização do tempo verbal; presença ou ausência de modalizador; animacidade do complemento verbal ([+ humano] ou [- humano]); e especificidade

do complemento verbal ([+genérico] ou [-genérico]). Os resultados obtidos pelo *Varbrul* estão dispostos abaixo.

No que tange à concordância, primeiramente, é preciso considerar que, na codificação dos dados, consideramos a marcação da concordância apenas quando o complemento do verbo era plural e o verbo se apresentava na forma de terceira pessoa do plural. Nos casos em que o verbo estava no singular, consideramos como concordância não marcada, tendo em vista que o singular não apresenta nenhum morfema para indicá-lo. Também retiramos os casos em que o complemento dos verbos em variação se apresentava no singular e as ocorrências do verbo *ter* na terceira pessoa do presente do indicativo (*tem*), em que o traço de marcação do plural é apenas um acento circunflexo (*têm*), o qual não é “marcado” na oralidade. Essas retiradas causaram uma redução no total das ocorrências (de 1427 para 116 dados). Assim, na Tabela 6, tem-se a seguinte frequência:

Tabela 6. Frequência relativa ao fator *concordância*

CONCORDÂNCIA	HAVER		EXISTIR		TER	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
c- marcação de concordância	1	3,2%	3	9,3%	28	87,5%
d- não marcação de concordância	11	13%	10	12%	63	75%
TOTAL	12		13		91	

Em relação aos dados, há de se considerar que se trata de textos orais e “espontâneos”, nos quais a preocupação com a monitoração da fala é menor, assim como a proeminência de traços graduais<sup>6</sup> (como o acréscimo do /m/ em *haviam*, *existiam*, *tinham*), que se “apagam” facilmente na fala. Sob essa perspectiva, é possível justificar o percentual de apenas 27,5% (32/116 ocorrências) de marcação de concordância no *corpus*.

Se considerarmos o que estabelecem as gramáticas normativas, o verbo *existir*, obrigatoriamente, realizaria a concordância, e os verbos impessoais (*ter* e *haver*) não a realizariam. Contudo, nos nossos dados, observamos que a concordância, em relação ao verbo *existir*, tem baixa ocorrência (3/13 ocorrências, ou seja, 23%).

No caso do verbo *haver*, a marcação de pluralidade é ainda menor (1/12 ocorrências, o que representa 8,3% do total), cuja manifestação é a seguinte:

(1) BH10: [...] na época *havam* só cinco escolas dentro do Brasil [...]

Diante dos dados apresentados com *haver*, observamos que os falantes tendem a manter a impessoalidade desse verbo com sentido de *existir*. O único uso com a marca de plural aparece como uma regularização do paradigma em relação a *existir*, mas é pouco significativo no universo geral dos dados.

A marcação de plural no verbo *ter* é a mais produtiva dentre as variantes. Das 91 ocorrências com complemento no plural, 28 (30,7%) apresentam marcação de concordância. Esse resultado aponta para uma possível influência do verbo *ter* com o sentido de posse, por exemplo, em que a marca de plural é exigida. Provavelmente, os falantes não se atentam para a impessoalidade do verbo com o sentido de existir. Apesar disso, a maior parte das ocorrências caminha em direção à não marcação de plural: são 63 das 91 ocorrências (69,3%).

De modo geral, constatamos que a tendência dos informantes do “mineirês” é a de não realizar a marcação de plural nos verbos que indicam noção de existência. Nessa direção, o que ocorre é uma regularização do paradigma da não concordância, e não o da concordância, como havíamos suposto inicialmente, já que o verbo *existir* tende a não concordar, assim como *ter* e *haver*. Entretanto, evidenciamos que o verbo *ter* é o que mais apresenta marca de plural e entendemos esse resultado como influência dos outros usos semânticos do verbo (como indicação de posse, por exemplo).

Já no que se refere ao fator interno *negação*, observa-se a seguinte frequência:

Tabela 7. Frequência relativa ao fator *negação*

NEGAÇÃO	HAVER		EXISTIR		TER	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
- - presença de negação	6	2,0%	18	6,0%	274	92,0%
+ - ausência de negação	31	2,7%	41	3,6%	1057	93,7%
TOTAL	37		59		1.331	

O fator interno que leva em conta a presença ou ausência de *negação* parece ser relevante. Se considerarmos a frequência das ocorrên-

cias de cada verbo, observa-se que, em 30% dos casos de *existir*, há negação, enquanto no *ter* há 20% e no *haver* apenas 16%. Isso demonstra que há uma tendência maior de marcação da negação no verbo *existir*, o que aguça nosso interesse por explicações nesse sentido.

Já no que tange ao fator interno *marcador temporal*, tem-se a seguinte tabela:

Tabela 8. Frequência relativa ao fator *marcador temporal*

MARCADOR TEMPORAL	HAVER		EXISTIR		TER	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
r- ausência de marcador temporal	31	2,6%	43	3,6%	1130	93,8%
t- presença de marcador temporal	6	2,6%	16	7,2%	201	90,2%
TOTAL	37		59		1.331	

O fator *marcador temporal* revela que, em todos os verbos, a ausência do marcador (como o advérbio de tempo) foi majoritária em relação à presença dele. No entanto, se cruzarmos as ocorrências em relação a cada verbo especificamente, vemos que há a presença do marcador temporal em 16, 2% do total das ocorrências do verbo *haver*, em 27% das ocorrências de *existir* e em 15% do verbo *ter*. Nessa quantificação, *existir* demonstra uma aproximação maior com o uso do marcador temporal do que os demais verbos (*ter* e *haver*). Ao que parece, há uma condição de temporalidade diferente entre as variantes que marcam a existência. Porém, apenas essa constatação não é suficiente para qualquer asseveração, mas o próximo fator, *tempo verbal*, talvez possa auxiliar nessa questão.

Tabela 9. Frequência relativa ao fator *tempo verbal*

TEMPO VERBAL	HAVER		EXISTIR		TER	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1- presente do indicativo	11	1,4%	42	5,5%	710	93,1%
2- pretérito perfeito do indicativo	13	15,0%	2	2,3%	79	82,7%
3- futuro do indicativo	0	0%	0	0%	1	100%
4- pretérito imperfeito do indicativo	8	1,5%	14	2,7%	497	95,8%
5- presente do subjuntivo	0	0%	0	0%	0	0%
6- imperfeito do subjuntivo	1	16,7%	0	0%	5	83,3%

(Continua)

TEMPO VERBAL	HAVER		EXISTIR		TER	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
7- futuro do subjuntivo	0	0%	0	0%	2	100%
8- infinitivo	2	4,7%	1	2,3%	39	93,0%
9- gerúndio	2	100%	0	0%	0	0%
TOTAL	37		59		1331	

Os verbos se apresentaram em tempo, modo e aspecto diferentes. A maior parte das ocorrências (53,4%) foi com o verbo no presente do indicativo. As particularidades nos dados são estas: apenas o verbo *haver* ocorreu no gerúndio; apenas o verbo *ter* se apresentou no futuro, tanto do indicativo como do subjuntivo; o verbo *existir* não foi usado no modo subjuntivo; não houve nenhuma ocorrência no presente do subjuntivo.

Quanto às especificidades de cada verbo, ressalta-se que as ocorrências do *haver* se concentram no pretérito perfeito do indicativo (35,1%), no presente do indicativo (29,7%) e no pretérito imperfeito do indicativo (21,6%); já *existir* se concentra no presente do indicativo (71,1%) e no pretérito imperfeito do indicativo (23,7%); e *ter* obteve maior frequência no presente do indicativo (53,3%) e no pretérito imperfeito (37,3%). Dentre essas porcentagens, destacam-se as ocorrências de *haver* no pretérito perfeito do indicativo como uma característica particular desse verbo em relação aos outros.

Em relação ao fator interno *modalizador*, tem-se a seguinte frequência:

Tabela 10. Frequência relativa ao fator *modalizador*

MODALIZADOR	HAVER		EXISTIR		TER	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
M- presença de modalizador	4	2,4%	7	4,3%	153	93,3%
L- ausência de modalizador	33	2,6%	52	4,1%	1178	93,3%
TOTAL	37		59		1331	

A presença ou ausência do modalizador parece não ser um fator relevante no que diz respeito aos verbos, posto que os percentuais são muito próximos. É preciso investigar quais são os fatores condicionadores do uso da modalização, mas isso não cabe a este estudo.



Prosseguindo a análise de forma a focalizar as características do complemento, observam-se as Tabelas 11 e 12 abaixo e as considerações sobre os dados:

Tabela 11. Frequência relativa ao fator *animacidade do complemento*

ANIMACIDADE DO COMPLEMENTO	HAVER		EXISTIR		TER	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<b>H-</b> + humano	3	0,8%	23	6,0%	358	93,2%
<b>J-</b> - humano	34	3,4%	36	3,5%	973	96,1%

Dentre o total das ocorrências, 70,1% apresentam o complemento [-humano]. Apenas o verbo *existir* possui mais ocorrências (60,1%) do complemento [+humano] em relação ao [-humano]. Nesse sentido, verifica-se que o traço [-humano] favorece as variantes *haver* e *ter*, e o traço [+humano] favorece a variante *existir*. No entanto, não parece que a animacidade do complemento é dependente do verbo. As evidências indicam, na verdade, que tal fato remete a uma particularidade do assunto da entrevista, e não necessariamente dos verbos.

Tabela 12. Frequência relativa ao fator *especificidade do complemento*

ESPECIFICIDADE DO COMPLEMENTO	HAVER		EXISTIR		TER	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<b>v-</b> + genérico	8	1,2%	18	2,7%	627	95,6%
<b>x-</b> - genérico	29	3,8%	41	5,3%	704	90,9%
TOTAL	37		59		1331	

Em relação à *especificidade do complemento*, tanto no verbo *haver* quanto no verbo *existir*, há maior ocorrência de complementos [-genérico]. Assim, vimos que o traço de especificidade do complemento [+genérico] favorece a variante *ter*, enquanto o traço [-genérico] favorece as variantes *haver* e *existir*.

Na próxima seção, buscaremos, através de uma análise qualitativa, encontrar explicações mais sólidas para a variação entre os verbos *ter*, *haver* e *existir* na marcação de existência no dialeto mineiro.

## 5. ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS

Dentre os aspectos considerados na seção anterior, faz-se necessária uma análise mais profunda, com viés interpretativo, sobre os fatores externos e internos.

O que se evidenciou, a partir das estatísticas do *Varbrul*, foi que:

- i) Dentro da variável dependente, os fatores externos mostraram que o verbo *ter* é a variante vernacular para representar a marcação da existência no dialeto mineiro.
- ii) Os fatores internos presença/ausência de negação, presença/ausência de marcador temporal e tempo verbal parecem apontar para uma diferença sintático-semântica entre os verbos da variável dependente.

Em relação à primeira evidência, ou seja, de que o verbo *ter* é a variante vernacular para a marcação da existência no dialeto mineiro, tem-se que os fatores externos (sexo, idade, escolaridade e cidade) não influenciam, na proporção esperada, na escolha do verbo para a marcação da existência.

Quanto a essa constatação, ainda é possível acrescentar o dado de que todos os falantes, mesmo que utilizem *haver* e *existir*,<sup>7</sup> não deixam de utilizar o verbo *ter* na marcação da existência. O verbo *ter*, em alguns casos, ocorre na mesma sentença que *existir* e *haver*, conforme se pode observar nos exemplos abaixo:

(2) ARC06- [...] a primeira vez foi na época dos meus pais, em setenta mais ou menos que *tinha*, já *existia* esses mesmos grupos que foi a anos atrás. Né? Que foi o Funil e o Canecão.

(3) OP07- Sim, porque em vista eu compreender não é talvez desse bem, mas é o seguinte, naquele tempo não *tinha* escolas a noite como há *hoje*.

Apesar de os dados apontarem para o verbo *ter* como variante vernacular para a marcação da existência, é preciso ressaltar que nem todos os gramáticos reconhecem que esse verbo é existencial e, quando reconhecem, atribuem um valor coloquial, informal a ele. De acordo com esses estudiosos, o fenômeno da existência pertence primariamente

te ao verbo *existir*, e os verbos *haver* e *ter* podem ser usados com o sentido existencial, quando impessoais.

Em relação a esses últimos, a maioria das gramáticas tradicionais estabelece que o *haver* é o padrão, é mais formal, e o *ter* é coloquial. Cunha e Cintra (2007) sequer abordam o uso do verbo *ter* como impessoal; tratam apenas do verbo *haver* na acepção de *existir*. Como decorrência dessa “normatização”, o primeiro possui um maior prestígio social em relação ao segundo, o qual sofre estigmatização e, conseqüentemente, preconceito linguístico-social.

Sob um olhar linguístico, sem juízo de valor e de certo/errado, vislumbra-se, nas características dos verbos *ter* e *haver*, um contínuo entre a modalidade oral e a escrita e/ou um contínuo entre situações de menor e maior formalidade. Tais contínuos podem ser concebidos, conforme Bortoni-Ricardo (2004), como os contínuos de *oralidade-letramento* e de *monitoração estilística*, respectivamente. Assim, em um dos extremos (+ oral/ - formal), estaria o verbo *ter*, enquanto no outro extremo (+letramento/+ formal) estaria o *haver*. O trânsito entre os polos dependeria das situações comunicativas a que o falante é exposto.

Dessa forma, nos nossos dados, temos dados de fala (+oral) e, apesar de se tratar de entrevistas, a preocupação dos pesquisadores era a de deixar os falantes à vontade, em uma condição de menor tensão e estresse comunicativo, a fim de que a fala gravada fosse (-formal). Essa situação favoreceu a predominância do vernáculo e, portanto, do uso do verbo *ter*.

No entanto, acreditamos que, se buscássemos dados do outro extremo dos contínuos (+letramento/ + formal), outros resultados se revelariam. Nesse aspecto, Perini (2010), numa gramática descritiva sobre o português falado no Brasil, aborda os verbos *ter* e *haver* como verbos de apresentação de existência, ponderando que na oralidade “*haver* ocorre raramente, em geral no contexto da linguagem cuidada; *ter* é a forma normal” (PERINI, 2010, p.79). De fato, no dialeto mineiro, as afirmações desse autor sobre a marcação da existência no português falado puderam ser confirmadas: *haver* quase não apareceu (2,6%), e *ter* foi realmente preponderante (93,3%).

No que tange à segunda evidência referente à representação do fenômeno da existência no dialeto mineiro, um enfoque merece ser

dado às ocorrências com a presença de negação como possível direcionamento às diferenças sintático-semânticas das variantes *ter*, *haver* e *existir*. Para isso, é preciso considerar, também, outros dois fatores internos: presença/ausência de marcador temporal e tempo verbal.

Em relação à variante *haver*, é relevante destacar que a negação apareceu em 16,2% das ocorrências, sendo que 84% delas vieram combinadas à ausência de marcador temporal, que, por sua vez, vieram combinadas ao presente do indicativo (60%) e ao pretérito perfeito do indicativo (40%). A única ocorrência de ausência de negação aliada à presença do marcador temporal se deu com o verbo no pretérito imperfeito do indicativo:

(4) OP07: ah hoje tem muita facilidades, porque tem aula a noite não pode estudar o dia estuda a noite não é? trabalha o dia estuda a noite mas naquele tempo não havia.

Já as construções com presença de negação em *existir* (30,5%) não apresentaram grandes diferenças em relação à presença ou ausência do marcador temporal: 44,4% apresentaram o marcador, enquanto 55,6% não o apresentaram. Quanto ao tempo verbal, a presença de negação, tanto aliada à presença do marcador ou à ausência, favoreceu o uso do presente do indicativo (50% no primeiro caso e 60% no segundo), conforme pode ser visto nos exemplos abaixo:

(5) ARC04: Os brinquedo era uns bebê de plástico simples, índia... aquelas índia que tinha. Às vezes pegava uma espiga de milho e brincava, falava que era a minha boneca, tudo simples, humilde. Que hoje em dia num existe isso mais!

(6) MAR44: Foi assim, foi muito, muito rápido eu consegui sair da piscina sozinha, i eu caí foi nu fundo i eu num sabia nadar, eu tava falando qui foi meu anju da guarda qui mi tirou da piscina, mas ninguém realmenti inacreditava, porque anju da guarda não existe.

As construções com o verbo *ter* apresentaram negação em 20,6% das ocorrências, sendo que, em 4,2% delas, a negação estava aliada à presença do marcador temporal e em 16,4%, à ausência do marcador. Nas primeiras (negação + MTemp), o tempo verbal predominante (57%) foi o pretérito imperfeito do indicativo. Já nas segundas, houve

uma equivalência de ocorrências (45%) entre o presente do indicativo e o pretérito imperfeito do indicativo. Os exemplos a seguir ilustram essas ocorrências, respectivamente:

(7) SJP21: { } ela foi uma semana pra lá, lá era mais siguro né que na época aqui num tinha recurso.

(8) BH05: Ó, pra mim, os melhores shows assim que tem, são os shows de trio elétrico, assim, de axé e tal, porque eu posso pular igual a uma louca e tal e fico lá pulano, pulano, pulano, pulano. Gasto mó energia. Só que + assim, banda eu gosto muito de tipo, Kid Abelha eu gosto, Skank, Jota Quest, Rita Lee, gosto de Ana Carolina + é :: de um tanto de gente assim. Gosto também de tipo, Gilberto Gil + então assim, eu sou mais variada assim, não tem uma coisa que eu fale disso que eu gosto.

(9) PIR26: NUM tinha nada lá no campo prá comê...

Essas verificações sinalizam que o uso dos marcadores temporais nas construções negativas de existência (com os três verbos) é irrelevante, diante da marcação temporal existente na flexão verbal.

Portanto, embora seja possível perceber algumas diferenças sintático-semânticas entre as variantes, ao que parece, a motivação para a variação não está na construção em si. Sendo assim, é preciso aprofundar a análise para buscar explicações para tal motivação.

Nessa tentativa, colocaremos o foco nos aspectos apenas semânticos das variantes. Para isso, utilizaremos algumas noções que fogem um pouco do escopo teórico deste estudo – baseado na Sociolinguística Variacionista –, traçando uma interface entre diferentes teorias, uma vez que essas informações nos parecem um tanto pertinentes, bem como esclarecem algumas de nossas percepções acerca do uso dos verbos *ter*, *haver* e *existir*.

Sobre esse aspecto, é significativo destacar que o fenômeno da marcação da existência decorre do verbo *existir*, tendo em vista a sua própria estrutura morfológica: *existência* é um substantivo derivado do radical *exist-*, do verbo *existir*. Porém, como já discutido, no português atual, os sentidos dicionarizados e convencionalizados para *existir* também são encontrados nos verbetes dos verbos *ter* e *haver*.

Diante disso, no nível semântico da realização da existência, os três verbos estão relacionados. Por um lado, pode-se dizer que *existir*

é o fenômeno em si, e sua marcação vernacular, conforme constatado quantitativamente através dos dados, é o verbo *ter*. O verbo *haver*, segundo as evidências empíricas, é mais recorrente na modalidade escrita e formal e possui uma “sinonímia” com o verbo *ter*. Como nossos dados são orais e decorrentes da fala espontânea, menos monitorada, a baixa ocorrência de *haver* pode, também assim, ser justificada.

Por outro lado, é preciso, ainda, buscar explicações para a motivação dessas relações entre os verbos. Neste âmbito, a frequente ocorrência do verbo *ter* no *corpus* do “Projeto Mineirês” nos leva a pensar que o verbo *ter* é o mais prototípico na marcação da existência. Ousando apoiar a análise semântica dos verbos *ter* e *existir* nos estudos da Semântica Cognitiva, em especial Johnson (1987),<sup>8</sup> e identificando que o sentido prototípico do verbo *ter* é o de posse, podemos pensar numa expansão metafórica (do concreto para o abstrato), a partir do esquema imagético do *contêiner*. Na existência, a “realidade”, o “mundo” é o *contêiner*, e o que existe é o objeto que se encontra dentro dele. Dessa forma, EXISTIR É TER NO MUNDO. Para explicar essa afirmação, consideremos o seguinte exemplo:

(10) ARC01- E segundo meu pai, disse ele que um dia viu um tiro-teio e eu não sei porque eu tinha um irmão que morava em Catitó, numa estação, era uma estação de trem que nem sei se existe hoje.

Na ocorrência acima, a estação de trem é o “objeto”, e o “mundo” é a cidade de Catitó. Assim, a dúvida do falante pode ser representada no seguinte esquema:

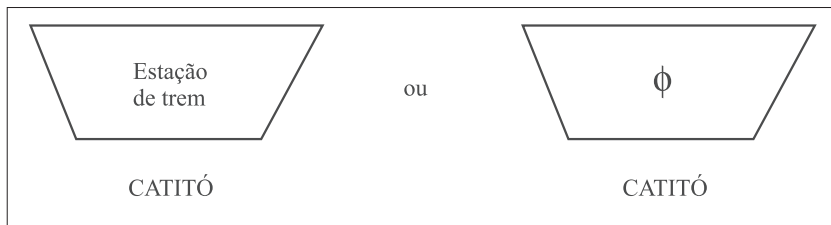


Figura 1. Esquema do *contêiner* – “existir é ter no mundo”

Diante do exposto, pode-se dizer que o significado de “posse” intrínseco ao *ter* – que está relacionado com o domínio do concreto,

com aquilo que pode ser experienciado pelo corpo – está presente no existir, mais abstrato. Assim, considerando a semântica e a metáfora conceptualizada a partir do esquema do *contêiner*, o fato de *ter* ser a variante vernacular para a marcação da existência pode ser justificado por razões semânticas.

Embora inicialmente pensássemos que *existir* é condição para *haver* e *ter*, vemos que, sob essa perspectiva cognitivista, não é o verbo *ter* que possui a semântica de *existir*, mas *existir* é que é projetado através do sentido do *ter*.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos verificar neste texto, o uso de uma língua está sujeito a uma série de variações. Isso porque a língua é espelho da sociedade, que se constitui de forma heterogênea.

A verdade, então, é que a língua dispõe de diversas variantes, as quais concorrem entre si. Elas coexistem e podem expressar a mesma mensagem ou mensagens com alterações de sentido não relevantes, e seu uso será determinado pelos próprios falantes e pela realidade sócio-histórico-cultural na qual estão inseridos.

Além disso, verificamos as variantes em competição referentes à realização de existência no português brasileiro, através de um estudo específico do dialeto mineiro, que se dá através do uso das variantes *ter*, *haver* e *existir*. Diante das peculiaridades desses verbos, eles foram analisados quantitativa e qualitativamente, considerando-se uma série de fatores internos e externos à variação linguística.

Dessa forma, cabe ressaltar alguns resultados encontrados a partir da análise dos dados, tais como: (i) o verbo *ter* pode ser considerado pela realização vernacular de existência no dialeto mineiro; (ii) a ocorrência do verbo *haver* no dialeto mineiro parece estar ligada ao fator externo *grau de escolaridade*, mas a baixa ocorrência nos dados pode ser decorrente do contexto de fala espontânea; (iii) os contextos de ocorrência da variação em questão sugerem uma sutil diferença sintático-semântica em relação aos verbos *haver* e *ter*, uma vez que *existir* apresenta um uso mais restrito à realização de existência; (iv) o aspecto semântico das variantes, sob um olhar cognitivista, está relacionado com uma projeção metafórica, em que o sentido de *existir* (+ abstrato)

é decorrente do sentido de “posse” do verbo *ter* (+ concreto) e pode ser conceptualizado a partir do esquema do *contêiner*.

Muitas são as considerações que podem ser tecidas a respeito das variantes estudadas. Futuras pesquisas ainda são necessárias para ampliar o entendimento sobre a realização da noção de existência tanto no dialeto mineiro como no português brasileiro. No entanto, o que pretendemos destacar é que, a partir de um estudo detalhado das variantes de uma língua, torna-se possível um reconhecimento e uma sistematização dos processos de variação e mudança linguísticas.

---

THE REALIZATION OF THE EXISTENCE IN “MINEIRÊS”: A STUDY ABOUT THE VARIATION OF THE VERBS *TER*, *HAYER* AND *EXISTIR*

ABSTRACT

This paper aims to discuss issues about the realization of the existence in “mineirês”, based on Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001). Through an empirical data research and a mixed methodological approach (quantitative and qualitative), we verify and discuss aspects related to the variation and change processes. In this sense, we intend to: a) evaluate quantitatively the use of the competing variants *ter*, *haver* and *existir*; b) discuss internal and external factors as well as other aspects that influence their uses; c) verify which is the vernacular variant for the realization of the notion of existence in “mineirês”. Thus, we hope to evidence that a detailed study of the variants of a language can lead us to recognize the systematization of variationist processes.

KEY WORDS: Variationist Sociolinguistics, “mineirês”, existence verbs.

---

NOTAS

- 1 Este trabalho foi apresentado como comunicação no XIII Simpósio Nacional de Letras e Linguística e III Simpósio Internacional de Letras e Linguística, promovido pelo Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, nos dias 23, 24 e 25 de novembro de 2011. Agradecemos aos pareceristas da revista *Signótica* pelas pertinentes contribuições e pelo empenho na avaliação deste trabalho.



- 2 Segundo Saussure (1916, p. 96), a sincronia trata do eixo das simultaneidades, a partir do qual devem ser estudadas as relações entre os fatos que ocorrem ao mesmo tempo, num determinado momento do sistema linguístico, sendo esse presente ou passado.
- 3 Apesar de reconhecermos que “o valor de verdade” entre as variantes pode não ser sempre o mesmo (cf. LAVANDERA (1978, 1984); BOUTET (1992); MORALES (1993) apud MONTEIRO (2000)), não é nosso objetivo abordar tal questão.
- 4 As entrevistas nas quais não constavam as informações completas sobre o informante foram retiradas da análise. Por isso, foram consideradas apenas 86 entrevistas.
- 5 Na análise quantitativa, não consideramos os resultados dos pesos relativos, em razão da dificuldade em calculá-los a partir de uma variável dependente terciária via GoldVarb2001 e do excesso de *knouckouts*.
- 6 De acordo com Bortoni-Ricardo (2004), os traços graduais são aqueles que ocorrem ao longo do *contínuo de urbanização*, sendo encontrados em falantes rurais e urbanos, e, portanto, não recebem avaliação negativa pela sociedade.
- 7 É importante ressaltar que, em São João da Ponte, não houve ocorrência dos verbos *haver* e *existir*.
- 8 O autor defende que a emergência do significado se dá através de estruturas esquemáticas, as quais envolvem padrões corporificados da experiência. Para ele, o *contêiner* é uma das características mais marcantes da nossa experiência corporal. Os esquemas operam em um nível de organização mental que se situa entre as estruturas proposicionais abstratas, de um lado, e imagens concretas particulares, de outro.

## REFERÊNCIAS

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- BOUTET, J. Quelques propriétés des écrits au travail: les écrits au travail. *Cahiers Langage et Travail*, n. 6, p. 21-28, 1992.
- COSERIU, Eugenio. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Presença, 1980.
- CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da. *Possessivos de terceira pessoa na língua portuguesa nos séculos XIII e XIV*. 226 f. Tese (Doutorado em

Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da. *A língua portuguesa em Juiz de Fora no século XIX: uma investigação sócio-histórica do falar da Zona da Mata Mineira*. 104 f. Relatório (Pós-doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. *Handbook of qualitative research*. California: SAGE Publications, 1994.

FARIA, Ernesto et al. *Dicionário escolar latino-português*. 3. ed. Brasília: MEC, 1962.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio*. São Paulo: Positivo informática, 2004.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: Philadelphia University Press, 1972.

LABOV, William. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Eds.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982.

LABOV, William. *Principios del cambio lingüístico*, v. 1. Tradução de Pedro Martín Butragueño. Madrid: Gredos, 1994.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*. v. 1 e 2. Malden/Mass: Blackwell, 2001.

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in Society*, n. 7, 1978.

LAVANDERA, B. *Variación y significado*. Buenos Aires: Hachette, 1984.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Vitórias de ter sobre haver nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia; MACHADO FILHO, Américo Venâncio (Orgs.). *O português quinhentista: estudos linguísticos*. Salvador: EDUFBA, 2002. p. 119-142.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes. 2000.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008. cap. 2, p. 15-26.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

PROJETO MINEIRÊS. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/mineires>>. Acesso em: 5 abr. 2011.

SAUSURRE, F. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, [1916]2006.

WEINREICH, Uriel et al. *Empirical foundations for a theory of language change*. Austin: University of Texas Press, 1968.